

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Fernanda Aleixo Marliere

ENTRE A TRADIÇÃO E O APAGAMENTO: O LUGAR DAS BENZEDEIRAS NO BRASIL HOJE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Robert Daibert Júnior

Juiz de Fora
2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **FERNANDA ALEIXO MARLIERE**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 202373601A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ENTRE A TRADIÇÃO E O APAGAMENTO: O LUGAR DAS BENZEDEIRAS NO BRASIL HOJE**, desenvolvido durante o período de 21/03/2026 a 03/07/2026 sob a orientação de ROBERT DAIBERT JÚNIOR, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

FERNANDA ALEIXO MARLIERE

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

ENTRE A TRADIÇÃO E O APAGAMENTO: O LUGAR DAS BENZEDEIRAS NO BRASIL HOJE

Fernanda Aleixo Marliere¹

RESUMO

Este artigo investiga o processo de desaparecimento das benzedeadas no Brasil contemporâneo, buscando compreender os fatores que explicam a redução desse ofício de cura popular. Parte-se da hipótese de que transformações socioculturais e religiosas ocorridas nas últimas décadas comprometeram tanto a demanda pelos benzimentos quanto a transmissão intergeracional desses saberes. A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e na realização de entrevistas semiestruturadas com quatro benzedeadas residentes em Juiz de Fora (MG). Os resultados indicam que a diminuição das benzedeadas decorre da combinação de fatores como o enfraquecimento da transmissão oral, o desinteresse das novas gerações, a expansão da medicina científica, o crescimento de segmentos religiosos que deslegitimam essas práticas e o aumento da intolerância e do racismo religioso. Conclui-se que, embora submetidas a um processo de apagamento cultural, as benzedeadas permanecem como importantes agentes de cuidado, preservação da memória coletiva e resistência cultural, reafirmando a necessidade de valorização e proteção desse patrimônio imaterial.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeadas. Cura popular. Intolerância religiosa.

1. INTRODUÇÃO

Durante séculos, antes da expansão da medicina científica para o interior do país, as práticas de cura conduzidas por benzedeadas (ou rezadeiras, em algumas tradições) constituíram um dos principais recursos terapêuticos e religiosos disponíveis às comunidades locais. A busca pelos serviços de rezadeiras era frequente, sobretudo diante de males que não encontram reconhecimento ou explicação no paradigma biomédico mais tradicional (Rebouças; Medeiros; Melo, 2026).

Abro espaço nesse trabalho para um relato pessoal: Natural de Inhapim, Minas Gerais, fui submetida, em diferentes ocasiões durante a infância, aos rituais realizados por benzedeadas da cidade e por uma tia que exercia atendimentos mediúnicos incorporando um preto velho², Tio Antônio, entidade cultuada na Umbanda, religião afro-brasileira que traz elementos do candomblé, do catolicismo e do kardecismo.

Segundo minha mãe, a cicatriz que possuo na testa seria consequência de um "mau-olhado" originalmente direcionado a ela, mas que teria recaído sobre mim, sendo posteriormente tratado por meio da intervenção de uma benzedeadas. Independentemente da veracidade objetiva dessa narrativa, ela evidencia a presença dessas crenças no universo simbólico da minha família e demonstra como as práticas de benzeção integravam o cotidiano familiar, principalmente em cidades do interior. Essas práticas, frequentemente situadas à margem da institucionalidade eclesial, permaneceram, por muito tempo, amplamente difundidas em diversos contextos sociais brasileiros.

Hoje, a percepção é de que essa tradição vem se apagando cada vez mais³, e de que a presença das benzedeadas parece ter se tornado menos frequente nas últimas décadas. Essa impressão suscita o questionamento acerca da existência de um possível processo de redução do número de praticantes desse ofício e das transformações sociais, culturais e religiosas que podem estar relacionadas a esse fenômeno. Diante disso, este trabalho busca compreender em que medida essa percepção corresponde à realidade e quais fatores podem explicar a permanência, a transformação ou o eventual declínio da prática da benzeção.

A investigação parte da hipótese de que o número de benzedeadas vem diminuindo nas últimas décadas em razão das transformações socioculturais e religiosas ocorridas no Brasil, que reduziram tanto a

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Robert Daibert Júnior.

² No imaginário e na cosmologia umbandista, os pretos velhos são entidades espirituais associadas à memória de pessoas negras escravizadas que, após uma trajetória marcada pelo sofrimento, pela violência e pela opressão, alcançaram elevado grau de evolução espiritual, tornando-se referências de sabedoria, acolhimento e cura.

³ Não há, ainda, um censo nacional para calcular o número de benzedeadas em atividade no Brasil hoje. Essa percepção é pessoal, mas compartilhada por outras pessoas que consultei para a realização desse trabalho, incluindo o grupo de benzedeadas entrevistadas.

demanda por seus serviços quanto a transmissão intergeracional dos conhecimentos necessários à continuidade dessa prática.

Para tanto, esse trabalho adota uma abordagem qualitativa, tendo como principal procedimento metodológico a realização de entrevistas semiestruturadas com quatro benzedeadas residentes no município de Juiz de Fora, Minas Gerais. A escolha desse método justifica-se pela necessidade de compreender as trajetórias, experiências e percepções das interlocutoras acerca de seu ofício, bem como suas interpretações sobre as transformações ocorridas na prática da benzeção ao longo do tempo.

As entrevistas foram conduzidas de forma flexível, sem a utilização de um roteiro rígido e padronizado. Embora todas tenham abordado questões relacionadas às trajetórias pessoais, ao exercício da benzeção, às formas de transmissão dos conhecimentos e às percepções sobre a continuidade dessa prática, as perguntas variaram de acordo com o perfil de cada entrevistada, as especificidades de suas experiências e os temas que emergiram durante a conversa.

Os nomes das entrevistadas foram preservados para evitar exposições. Nesse trabalho, utilizou-se pseudônimos para cada entrevistada, sendo eles: Maria da Silva (Entrevista 01); Benedita Souza (Entrevista 02); Lourdes Pereira (Entrevista 03); e Margarida Santos (Entrevista 04). O objetivo dos pseudônimos, para além de manter o anonimato das mulheres, é humanizar suas vozes.

Além das entrevistas, foi realizada uma revisão bibliográfica da literatura especializada sobre benzeção, religiosidade popular e práticas tradicionais de cura. A análise das entrevistas foi desenvolvida em diálogo com essa produção acadêmica, buscando identificar aproximações e divergências entre os relatos das benzedeadas e as interpretações presentes na literatura, possibilitando uma compreensão mais ampla das transformações e permanências que caracterizam o universo das benzedeadas na contemporaneidade.

A primeira parte do artigo vai definir quem são as benzedeadas, bem como seus ofícios e a importância que tiveram na consolidação da “tradição da cura popular” no Brasil. Conceitualizado o objeto de pesquisa, a segunda parte vai aprofundar a investigação para buscar entender os reais motivos do possível e gradual desaparecimento dessa classe na sociedade contemporânea, se baseando no cruzamento de relatos pessoais, dados empíricos e análises sociológicas. Por fim, chega-se às considerações finais.

2. AS BENZEDEIRAS E A TRADIÇÃO DA CURA POPULAR

Segundo Câmara e Fialho (2021), as primeiras benzedeadas chegaram ao Brasil durante a colonização, assim como as parteiras, os dentistas, os barbeiros e os curandeiros, considerados “agentes populares de cura” (p. 04). Ao longo do processo de colonização e desenvolvimento do Brasil moderno, seus conhecimentos foram sendo transformados pelo contato com os saberes indígenas e africanos, originando um sistema de cura marcado pelo sincretismo religioso e cultural.

Maria da Silva (2026, informação verbal) reafirma esse resgate histórico ao expor sua ancestralidade quando perguntada como e quando foi apresentada ao benzimento: “Desde o meu nascimento. [...] A minha avó é africana, o meu avô português e do lado do meu pai são “índios” (sic), então eu tenho essas três religiões ao mesmo tempo, mas eu fui apresentada a Deus quando eu nasci e já fui batizada pelo candomblé”.

Dessa forma, a prática da benzeção consolidou-se como uma expressão da medicina popular brasileira, articulando orações, plantas medicinais, rituais religiosos e conhecimentos transmitidos oralmente entre gerações. Dentro dessa mesma visão, Laplantine e Rabeyron (1989, p. 52) vão estabelecer quem são as(os) benzedeadas(os):

O benzedor(a) é o indivíduo que “trata”, “benze”, “cura”, esconjura, recorrendo essencialmente a um segredo que lhe foi legado por um parente, amigo, por meio de leitura ou aparição espiritual. Ele é, pois, um intermediário entre o homem e o sagrado, devendo conservar escrupulosamente esse ritual.

Em suma, as benzedeadas são, em sua maioria, mulheres reconhecidas em suas comunidades por exercerem um dom associado à realização de orações, rituais e à utilização de remédios caseiros, frequentemente acompanhados de elementos como copos de água, fitas e ramos de diferentes espécies de ervas. A partir dessas práticas, mobilizadas em resposta às solicitações daqueles que buscam seu auxílio, atribui-se a essas agentes a capacidade de promover a cura ou o alívio de determinadas enfermidades. Entre

as afecções mais recorrentes no universo das categorias populares de adoecimento destacam-se o “cobreiro”, o “mau-olhado” e a “espinhela caída”, entre outras condições tradicionalmente reconhecidas e tratadas no âmbito da medicina popular (Câmara; Fialho, 2021; Laplantine; Rabeyron, 1989).

A benzedeira Maria da Silva (2026, informação verbal) também nos dá alguns exemplos das funções que exerce em sua comunidade:

A gente sempre faz reza, hoje em dia se fala “orações”, mas a gente sempre usa reza pra benzer quebrante, maloiado (sic), espinhela caída, criança com dor de barriga. [...] [a gente] usa muito chá de roça, ramo... aí vem da parte indígena do meu pai, a gente faz muito chá em casa, muito ramo, a gente vai para o mato, a gente conhece todo tipo de mato que tem, tanto para remédio, como para comer, verdura, raízes... a gente conhece muito isso.

Essas doenças não convencionais, muitas vezes de cunho espiritual, já foram estudadas em outros trabalhos de investigação da chamada “cura popular”, como em Santos (2007, p. 81 *apud* Martins; Clarindo; Campos, 2023, p. 210),

[...] onde nota-se a formulação de categorias diagnósticos pelas próprias rezadeiras, denominados como “doenças das rezadeiras”, dentre eles tem-se o chamado “mau olhado”, que refere-se a uma doença decorrente de uma admiração exagerada que alguém tem sobre os atributos do ser humano: “beleza, forma física e corporal, inteligência etc., ou em qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como animais e que debilita o indivíduo, aos poucos, até levá-lo à morte, se a pessoa não procurar alguém que reze”.

Essa concepção manifesta-se em diferentes momentos considerados socialmente significativos, como viagens, casamentos ou a abertura de um negócio, ocasiões em que são frequentes as recomendações de discrição e cautela, sintetizadas em ditos populares como “a inveja mata”. Nesse contexto, diante da percepção de que o mau-olhado possa estar atuando, torna-se comum recorrer às benzedeiras, reconhecidas em diversos grupos sociais como detentoras de conhecimentos e práticas rituais capazes de neutralizar tais influências e restabelecer o bem-estar. Ainda há

Outras enfermidades tais como a “espinhela caída”, que seria uma doença em que a pessoa contrai por algum esforço físico excessivo: “geralmente, aquelas mulheres que têm filhos de colo se queixam desse mal, outras por ter realizado alguma tarefa doméstica que exigiu esforço além do normal”, [...] como também o “cobreiro”, resultante do contato com animais e insetos peçonhentos que deixam seus venenos sobre a pele de quem os tocou. São tidas como doenças que apenas os conhecimentos das rezadeiras são capazes de promover a sua cura a partir dos diagnósticos formulados por elas, contrapondo-se a hegemonia médica do saber (Santos, 2007, p. 84 *apud* Martins; Clarindo; Campos, 2023, p. 210)

Não à toa, Câmara e Fialho (2021) vão conceber que as benzedeiras exerceram um importante papel sanitário no Brasil. Em comunidades rurais e periféricas, eram frequentemente as principais responsáveis pelo cuidado da saúde, atendendo não apenas enfermidades físicas, mas também sofrimentos emocionais, espirituais e sociais. Seu trabalho ultrapassava a dimensão estritamente terapêutica, envolvendo acolhimento, aconselhamento, fortalecimento dos vínculos comunitários e mediação entre o mundo material e o espiritual. Essa atuação contribuiu para que conquistassem grande legitimidade junto às populações locais.

Maria da Silva (2026, informação verbal) cita essas doenças ao afirmar: “[...] a gente sempre usa reza pra benzer quebrante, maloiado (sic), espinhela caída, criança com dor de barriga”. Benedita Souza (2026, informação verbal) também as cita ao explicar como foi apresentada ao benzimento: “Eu fui apresentada

quando eu tinha mais ou menos cinco anos de idade. [...] Era hábito, era tradição a mãe levar [...] para benzer, para tirar a espinhela caída, esse tipo de coisa”. Assim como Margarida Santos (2026, informação verbal), respondendo à mesma questão: “Ainda criança de colo, pela minha vó que sempre nos levou em benzedeadas na região rural. E assim por toda infância. Por motivos de saúde, alteração de sono, quedas. Depois mais à frente, levava porque eu relatava ver espíritos”.

2.1. Panorama nacional das religiões e as benzedeadas no Brasil contemporâneo

Câmara, Fialho (2021), Martins, Clarindo, Campos (2023), assim como Rebouças, Medeiros e Melo (2026), vão defender que ainda nos dias atuais as benzedeadas exercem um papel significativo na promoção da saúde física, mental, espiritual e social das comunidades onde atuam. A preservação dessa cultura, e de sua importância na cultura de cura popular, consequentemente, se dão por duas razões principais: (1) Oralidade e (2) Sincretismo.

Segundo esses estudos, o aprendizado sobre benzimentos e os rituais que os circundam ocorre predominantemente pela oralidade e pela observação direta, sendo normalmente herdado de mães, avós ou outras mulheres da família. Logo, o saber não é adquirido em instituições formais, na maioria das vezes muito voltadas às práticas científicas mais convencionais e baseadas em protocolos registrados em manuais acadêmicos, mas construído na convivência cotidiana, reforçando seu caráter tradicional e intergeracional, mantendo a preservação da prática através do patrimônio cultural da oralidade.

As entrevistadas destacam esse caráter. Maria da Silva (2026, informação verbal) afirma que o benzimento foi uma herança familiar: “[...] Isso tudo veio da minha avó, da parte da minha mãe, que é da África”. Benedita Souza (2026, informação verbal) também aponta o mesmo:

[...] foi uma herança familiar, a minha família vem toda dessa linha: ou benzedead, ou umbandista, ou kardecista, ou candomblecista, todos eles vêm dessa linha. Eles já inserem a gente bem cedo, não colocam a gente para seguir, mas já “vai” (sic) explicando como que funciona.

Lourdes Pereira (2026, informação verbal) também herdou as práticas: “Eu fui apresentada ainda muito criança, com meus cinco anos. [...] Eu cresci convivendo com as “benzeções” (sic) da minha avó”.

Já o sincretismo religioso entra como o segundo pilar de conservação da cultura de cura popular. A continuidade das benzedeadas está diretamente relacionada à sua capacidade de adaptação, ou seja, em vez de permanecerem presas a um modelo tradicional imutável, elas incorporaram novas formas de atuação, dialogaram com diferentes práticas religiosas e de saúde e responderam às demandas contemporâneas sem abandonar os elementos centrais de sua identidade.

Rebouças, Medeiros e Melo (2026) colocam que as práticas das rezadeiras combinam diferentes matrizes religiosas e culturais, incorporando elementos do catolicismo popular, da religiosidade afro-brasileira e do uso tradicional de plantas medicinais⁴. Essa diversidade demonstra o caráter sincrético dessas formas de cura e sua inserção nas experiências culturais brasileiras, o que explica por que as rezadeiras permanecem socialmente relevantes mesmo após mais de quinhentos anos. Nas entrevistas, isso se evidencia com as benzedeadas apontando uma herança familiar que passa pelo catolicismo, pelo kardecismo, pela umbanda, pelo candomblé, religiões indígenas, etc.

No Brasil, o último censo, realizado em 2022, apontou uma variedade de práticas religiosas disputando espaço entre a população teísta. Os católicos ocupam o primeiro lugar, com 56,7% da população adepta, seguidos pelos evangélicos, com 26,9%. Entre as religiões menores⁵, o espiritismo conta com 1,8% de adeptos no Brasil, a Umbanda e o Candomblé com 1,0% e as tradições indígenas com 0,1% (CNN Brasil, 2025). Em Juiz de Fora, a porcentagem de católicos (56,8%) e evangélicos (25,3%) seguem a média nacional, mas os espíritas (5,29%) e os umbandistas e candomblecistas (1,18%) estão um pouco acima, além dos 6,62% que se declararam de outras religiões que não as citadas (G1 Zona da Mata, 2025).

⁴ As orações utilizadas muitas vezes tem origem católica, como o Pai-Nosso, o Salve Rainha e o Credo. Elas são postas em prática juntamente com o conhecimento de ervas que podem ser consideradas medicinais e que são utilizadas a depender da doença que atinge a pessoa e o poder de cura daquela planta.

⁵ No sentido de menor percentual de adeptos, proporcionalmente.

Esses dados evidenciam dois aspectos centrais. O primeiro refere-se à já citada capacidade de adaptação da tradição do benzimento em uma sociedade marcada pela predominância do cristianismo, em suas vertentes católica e evangélica. Longe de representar uma tradição estática, o benzimento revela-se uma prática dinâmica, continuamente ressignificada em diálogo com as transformações socioculturais e religiosas do contexto em que está inserida.

O segundo aspecto levanta uma questão central, a ser tratada na próxima seção. Em Juiz de Fora (e em menor grau, no contexto nacional também), o censo revelou um crescimento das religiões de matriz africana e do espiritismo, assim como o aumento de pessoas sem religião. Entretanto, no contato com as entrevistadas, a percepção é oposta. Maria da Silva (2026, informação verbal), quando perguntada se acreditava que o número de praticantes de benzimento tenha diminuído em comparação com a época em que começou o ofício, respondeu: “Diminuiu? Diminuiu!”. Benedita Souza (2026, informação verbal) complementa: “Tanto de pessoas que fazem, que benzem, quanto das pessoas que procuram”.

“Diminuiu muito. Até mesmo hoje, uma benzedeira, ela é vista com maus olhos. [...] Então, assim, antigamente tinha várias. Hoje em dia, tem muito pouca”, diz Lourdes Pereira (2026, informação verbal), e Margarida Santos (2026, informação verbal) vai além, dizendo que “Inclusive as benzedeiras que não possuem necessariamente uma ligação com a prática de algum centro religioso, praticamente deixaram de existir. Muito difícil encontrar... a maior parte envelhece, morre, e não entrega a função a ninguém!”. Esse fenômeno é corroborado pela literatura revisada nessa pesquisa: as benzedeiras estão desaparecendo e a cultura de cura popular também.

Talvez esse evento se explicasse em um país que transicionasse de uma maioria teísta para uma sociedade ateuísta, como em alguns casos na Europa. Mas em um contexto em que as religiões fora do cristianismo crescem, ainda que em menor velocidade ou tamanho, com uma expressão ainda mais significativa em Juiz de Fora, o que explica esse fato?

3. DOM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA: BENZEDEIRAS E A AUTOPERCEPÇÃO DOS SEUS OFÍCIOS

Lançar luz sobre a autopercepção das benzedeiras sobre seus ofícios nos dariam algumas respostas a partir dos princípios da Fenomenologia (Coltro, 2000; Alves; Rabelo; Souza, 2014). A abordagem fenomenológica aplicada no contexto das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas parte do princípio de que a realidade deve ser compreendida a partir da experiência vivida pelo próprio sujeito.

Coltro (2000) apresenta a fenomenologia como uma alternativa metodológica às limitações impostas pelo paradigma positivista e pela racionalidade moderna. O autor sustenta que os métodos científicos tradicionais, fundamentados na objetividade, mensuração e causalidade, são insuficientes para compreender fenômenos humanos e sociais em sua complexidade. A fenomenologia, por sua vez, propõe um retorno à experiência vivida, valorizando a consciência, a subjetividade e os significados atribuídos pelos próprios sujeitos.

Alves, Rabelo e Souza (2014) complementam ao concluir que a compreensão não é apenas um método das ciências humanas, mas uma estrutura fundamental do ser-no-mundo. O indivíduo sempre se encontra inserido em um horizonte prévio de sentido e em uma rede de relações históricas e sociais. Assim, não existe um ponto neutro ou exterior ao mundo a partir do qual o pesquisador possa conhecer os fenômenos de maneira absolutamente objetiva. Ou seja, o conhecimento deve partir da descrição daquilo que aparece à consciência (Coltro, 2000).

Entretanto, não há possibilidade de alcançar uma objetividade absoluta nem de reproduzir integralmente o ponto de vista do outro. Toda interpretação parte de preconceitos e pré-compreensões transmitidos pela tradição, os quais não devem ser eliminados, mas submetidos ao debate crítico. A tarefa aqui consiste em promover um encontro entre horizontes de consciência diferentes e a realidade material, a fim de se chegar a conclusões possíveis.

Analisando as entrevistas, esse trabalho percebeu a sacralidade com que as mulheres abordadas enxergam o ofício do benzimento. De fato, como apontado na seção anterior, antes de tudo, a “cura popular” é uma herança, fruto das relações de resistência e integração dentro da colonialidade, oralidade, tradição familiar e ancestralidade viva. Mas, dentro do que podemos chamar de “campo espiritual”, as benzedeiras enxergam essa função como um dom fornecido por algo maior, seja por Deus ou pela espiritualidade, de maneira mais ampla.

Maria da Silva (2026, informação verbal) diz que considera “[...] um dom, porque só quem sabe aquilo ali é que consegue... muita gente tenta e não consegue”, assim como Benedita Souza (2026, informação verbal), que acredita ser “um dom bonito... pesado, mas bonito”. “Considero um dom porque a benzeção, ela serve de cura, né, para os necessitados, como dizia minha avó. O hospital de pobre é o terreiro de Umbanda e a benzeção”, finaliza Lourdes Pereira (2026, informação verbal). Apenas Margarida Santos (2026, informação verbal) não considera “necessariamente um dom, mas uma faculdade para um ofício de caridade”.

Esses relatos nos permite concluir que o ofício do benzimento não decorre de uma escolha estritamente individual, mas de um chamado ou vocação que atribui sentido às trajetórias analisadas. Essa autopercepção reforça a ideia de que o dom é acompanhado por uma responsabilidade moral e espiritual, orientando práticas fundamentadas no cuidado, na solidariedade e no serviço às comunidades. Entretanto, em contradição à importância “socioespiritual” atribuída à essas práticas, há, de fato, entre as próprias benzedeiras, a percepção e a preocupação de que seu ofício esteja em processo de diminuição. Essa avaliação torna-se mais evidente quando elas comparam a realidade atual com o período em que iniciaram suas atividades, há quinze, vinte ou trinta anos, momento em que o benzimento ocupava um espaço mais significativo. Perguntei os possíveis motivos desse fenômeno para todas.

Maria da Silva (2026, informação verbal) diz:

Porque no passado, lá no passado, existiam só duas religiões, [...] os candomblés, que naquela época se chamavam de macumbeiros, e os católicos. Eram as duas religiões mais fortes que tinham, católicos e macumbeiros, que hoje se chama candomblé. Hoje em dia já tem outras religiões que “entrou” (sic) no meio. Já veio o evangélico, que não acredita nem no católico e nem acredita no candomblé. E um pouco do espiritismo também. [...] Na briga entre eles, foi dividido em quatro, então são quatro livros perdidos no mundo. Até hoje não conseguiram juntar os quatro.

Ou seja, para ela, o aparecimento e o fortalecimento de outras vertentes religiosas seria o principal motivo para a diminuição do número de benzimentos e benzedeiras nas comunidades. Já para Benedita Souza (2026, informação verbal), há uma série de fatores interseccionados, como a perda da tradição pelas novas gerações, o crescimento da falta de fé, o preconceito religioso, o avanço da tecnologia e de outras religiões:

[...] A primeira coisa é que a doutrina foi mudando dentro da tradição. As pessoas foram deixando as tradições de lado. [...] Quando eu era criança, tinha muita benzedeira idosa, e [...] os mais novos já não queriam seguir tanta doutrina, tanta tradição, porque não é fácil... e foram deixando de lado. Só aí já foi se abstendo. Inclui preconceito... acredito que também algumas [pessoas] foram perdendo a fé. [...] Avanço de tecnologia, a questão de muita gente querer ensinar as “coisas nos negócios esquisitos” (sic) na rede social. Acredito que o avanço de outras religiões, outras doutrinas, outras tradições também fora da parte espírita. [...] São um monte de fatores.

Lourdes Pereira (2026, informação verbal) acredita que o rompimento com a continuidade desse dom é um dos principais fatores. Margarida Santos (2026, informação verbal) termina apontando para dois fatores já citados, a intolerância religiosa e o desinteresse das novas gerações:

O motivo foi a imposição de crenças que apagaram a prática, demonizando o serviço... E o próprio desinteresse das novas gerações de herdar um ofício de caridade. Pouca disposição para a prática. Muitas benzedeiras antigas que conheço se queixam de não haver jovens interessadas em aprender!

Alguns dados corroboram a experiência pessoal de cada benzedeira. No que diz respeito ao crescimento de outras religiões, como evangélicos e espíritas, os números divulgados tanto do censo nacional

quanto do recorte municipal juizforano validam a narrativa (ver “2.1. Panorama nacional das religiões e as benzedadeiras no Brasil contemporâneo”). Hoje, o número de evangélicos e espíritas no Brasil é o mais alto já registrado na história do país. Porém, cabe um ponto de observação aqui. Os espíritas também têm muita ligação com ritos de benzimento, unção, rezas e afins. Talvez, o fator de diminuição esteja mais ligado ao crescimento evangélico, que tem batido recordes nos últimos anos.

Além disso, é importante notar um outro fator: o número de pessoas sem religião, ateias e/ou agnósticas. Assim como outras vertentes religiosas fora do catolicismo, essa é uma parcela da população que também vem aumentando exponencialmente, o que pode nos ajudar a identificar o local de onde se partem as constatações da falta de interesse das novas gerações pelas práticas de benzimento. Inclusive, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o número de jovens entre 16 e 24 anos sem religião superou o de católicos e evangélicos, em 2022 (BBC News Brasil, 2022).

Análises sociológicas nos campos da religião e da teologia também podem contribuir para um entendimento mais completo da investigação. É possível associar a desistência de algumas pessoas diante da ausência dos resultados esperados do benzimento ao crescimento de igrejas cujos discursos se mostram cada vez mais adaptados às dinâmicas da modernidade. Em muitos desses contextos, observa-se a predominância de uma lógica meritocrática, fortemente influenciada pela teologia da prosperidade, que enfatiza a promessa de conquistas materiais, ascensão social, aumento da riqueza e sucesso individual como expressões da fé. A “Teologia da Prosperidade”, atualmente difundida inclusive em púlpitos de igrejas protestantes históricas,

[...] compreende a comercialização da fé cristã, deturpando os ensinamentos presentes na Bíblia Sagrada. Trata-se de uma roupagem que introduziu a pobreza e a doença no rol de maldições que poderiam acometer a vida daqueles que não se preocupam em acumular riqueza na terra; dissemina-se na mídia com intensidade avassaladora (Lemos, 2018, p. 80).

Quando uma doutrina religiosa, em contraste com essa perspectiva, não enfatiza a obtenção de benefícios materiais, mas privilegia processos de transformação interior e aperfeiçoamento espiritual, ela pode exercer menor atratividade sobre indivíduos que concebem a religião como um espaço de obtenção de recompensas e *status*.

Parte da literatura tem apontado que algumas dessas igrejas, além de adotarem uma linguagem adaptada à contemporaneidade capitalista neoliberal, também recorrem à construção de antagonismos simbólicos e à identificação de grupos percebidos como adversários para fortalecer a coesão interna e o engajamento dos fiéis. Entre esses grupos, figuram, em diferentes contextos, universidades, professores, a população LGBTQIA+⁶ e praticantes de religiões de matriz afro-brasileira, aspecto particularmente relevante para a presente pesquisa.

Oliveira (2016, p. 10) faz um panorama histórico de como as benzedadeiras e praticantes de religiões afro-brasileiras são entendidas e consideradas no meio evangélico neopentecostal:

O neopentecostalismo parte da crença de que é necessário investir esforços para eliminar a presença e a ação do demônio no mundo. O problema é que classificam as religiões afro-brasileiras como espaços privilegiados de culto e ação do demônio e seus adeptos como representantes e disseminadores do mal. Assim travam uma verdadeira batalha para livrar o mundo do mal representado pelos orixás, erês e principalmente por exus e pombagiras.

Esse movimento das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras surgiu no início do século XX, mais especificamente a partir dos anos de 1950 e 1960, quando o movimento religioso investe num sistema teológico e doutrinário visando expandir a base de suas igrejas e aumentar o número de adeptos. Investiu, sobretudo, na doutrina da cura divina e da libertação, ganhando assim mais visibilidade, surgiram diversas

⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, etc.

denominações religiosas e passaram a ser chamadas, muitas vezes, de “igrejas de cura”.

Se essa vertente religiosa cresce em um ritmo superior ao de outras tradições religiosas, é razoável considerar que os discursos difundidos nos púlpitos dessas igrejas produzam repercussões para além do espaço religioso. Nesse contexto, práticas populares como o benzimento podem passar a ser interpretadas por parte desses grupos como condenáveis, associadas ao maligno ou entendidas como manifestações incompatíveis com a fé cristã e, portanto, como algo que desagrada a Deus.

A questão central é que muitas dessas igrejas oferecem respostas às mesmas demandas atendidas pelas benzedadeiras, especialmente relacionadas à cura de “doenças da alma” ou doenças não convencionais, já citadas. No entanto, essas curas são apresentadas como resultado da ação direta de Deus, sem intermediários, o que tende a deslegitimar práticas tradicionais como o benzimento e reforçar a ideia de que apenas determinadas formas de intervenção espiritual seriam legítimas.

A partir dos anos de 1970 começa uma nova fase para os neopentecostais e as igrejas claramente abandonam, ou abrandam o ascetismo e passa a valorizar cada vez mais o pragmatismo, utilizando uma gestão cada vez mais empresarial na condução dos templos e dando ênfase total na chamada teologia da prosperidade. A partir daí as igrejas passam a utilizar a mídia para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa, iniciando as chamadas batalhas espirituais, cujo alvo é, sobretudo, as religiões afro-brasileiras e o espiritismo (Oliveira, 2016, p. 10).

Importa ressaltar que, embora a Igreja Católica não esteja fundamentada em uma teologia da prosperidade e admita a mediação de santos em suas práticas devocionais, essa instituição também desempenhou, ao longo de sua história, um papel significativo na perseguição de benzedadeiras⁷, frequentemente acusadas de superstição, feitiçaria ou práticas incompatíveis com a ortodoxia religiosa. Paralelamente, a consolidação da medicina científica contribuiu para processos de deslegitimação desses saberes e práticas populares de cura. Na contemporaneidade, embora o benzimento permaneça amplamente associado ao universo do catolicismo popular, as benzedadeiras seguem, em grande medida, à margem dos ritos e do reconhecimento oficiais da Igreja Católica:

Passados séculos do fim da Inquisição, as benzedadeiras ainda sofrem grande discriminação, sendo tratadas como se estivessem ligadas diretamente aos males da sociedade, como se não tivessem valor nenhum, não agregando benefícios a sociedade a qual estão inseridas e nada representassem. Em pleno século XXI este ofício tradicional de cura ainda é marginalizado, mas mesmo com tanta repressão continua buscando e encontrando forças para resistir e preservar a sua cultura, a qual é de grande importância cultural (Gevehr; Bitencourt; Jung, 2021, p. 57).

Todas as entrevistadas se colocaram como praticantes de religiões de matriz africana, e destas, três relataram já ter sofrido algum tipo de intolerância religiosa. Maria da Silva (2026, informação verbal) relata que “Às vezes fazia o ritual lá na mata, [...] por medo das pessoas da cidade, de serem apedrejadas, porque jogavam pedra. Na época chamavam a polícia, entendeu?”. Lourdes Pereira (2026, informação verbal) relatou já ter feito

[...] vários boletins de ocorrência. Eu comecei num terreiro muito pequeno. Então, assim, foi evoluindo do jeito que o meu preto velho falou. E quando ele deu uma evoluída, o vizinho da casa da frente jogava pedra. Jogava batata, chuchu, limão. Teve uma vez que fez

⁷ Assim como de outros saberes e práticas populares afrobrasileiros e indígenas.

um furo muito grande no telhado. [...] Machucou uma filha. [...] Fizemos um boletim de ocorrência e assim foi.

E Margarida Santos (2026, informação verbal) coloca que “[...] o preconceito com pessoas da minha origem religiosa é estrutural e eu os enfrento desde a infância”. Esses relatos se somam com os dados divulgados pelo canal de denúncias do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do governo brasileiro, que aponta um aumento de 80% dos casos de intolerância religiosa no Brasil entre 2023 (2.128 violações motivadas por intolerância religiosa) e 2024 (3.853 violações) (CNN Brasil, 2025).

Assim, a partir da articulação entre os relatos obtidos nas entrevistas, os dados analisados e o referencial teórico mobilizado, esta pesquisa permite sustentar que o principal fator associado à redução do número de benzedeiras, tanto no Brasil quanto no município de Juiz de Fora, está relacionado ao crescimento proporcional da população evangélica, especialmente de segmentos vinculados às doutrinas da Teologia da Prosperidade e da Guerra Espiritual. Embora o número de espíritas e de pessoas sem religião também tenha aumentado nas últimas décadas, esses grupos historicamente não representam uma ameaça significativa às práticas religiosas minoritárias, seja por também constituírem minorias no campo religioso brasileiro, seja, no caso do espiritismo, por compartilharem e legitimarem determinadas práticas de cura espiritual, entre elas o benzimento.

Esse processo ocorre de forma concomitante ao aumento dos casos de intolerância religiosa direcionados às religiões de matriz africana, evidenciando um contexto mais amplo de estigmatização das práticas tradicionais de cura e das expressões religiosas que escapam às concepções cristãs hegemônicas. Nesse cenário, o benzimento, embora historicamente marcado por intenso sincretismo com o catolicismo popular, passa igualmente a ser alvo de suspeição, rejeição e abandono, o que compromete os processos de transmissão intergeracional desse saber e contribui para o progressivo desaparecimento das benzedeiras como agentes reconhecidas de cuidado e cura nas comunidades.

Porém, as benzedeiras seguem resistindo ao apagamento cultural sistêmico ao qual são submetidas, sustentadas pela autopercepção de exercerem uma missão coletiva, pela compreensão de que detêm um dom de origem divina e pelo reconhecimento de seu papel como transmissoras orais de uma tradição viva, cuja continuidade depende da preservação e da circulação desses saberes entre as gerações.

A minha avó herdou essa herança da mãe dela. [...] Da minha avó passou para mim e eu pretendo dar continuidade para não se perder. [...] Assim, eu tenho para mim que eu preciso de continuar. Por isso que eu já tenho passado para minhas filhas de santo, né? Para minha filha carnal mesmo, para ela dar continuidade (Pereira, 2026, informação verbal).

Foi perguntado às entrevistadas se elas achavam que esse processo é reversível e, em caso positivo, o que poderia ser feito para se chegar a esse objetivo. As respostas:

Eu acho assim, ser mais anunciado, igual passa na televisão “a igreja evangélica está fazendo a passeata, marcha para Jesus”. Então tinha que anunciar também que o candomblé também está fazendo a marcha dele. Fazer durante o dia, porque muitas vezes o candomblé só faz durante a noite, porque durante o dia às vezes é proibido, entendeu? Acho que tinha que ser mais divulgado, abrir o espaço. Mais aberto (Silva, 2026, informação verbal).

Eu acho que hoje, para começar a ser reversível, a gente tem que batalhar muito. [...] A gente tem que estudar muito para tentar entender, para tentar enxergar mais além. E os que estão vindo agora não querem isso. [...] As pessoas [...] não tentam buscar o conhecimento. Então, para isso ser reversível, as pessoas têm que mudar muito. Mas, a gente prefere qualidade a quantidade. Então que os que venham sejam de qualidade, não só por *status*, ou por curiosidade, ou só para postar em rede social, para ganhar engajamento. [...] Da mesma forma que tem muita gente que gosta disso, faz o estudo, faz um trabalho muito bonito, tem muita gente

fazendo porcariada. Eles têm que entender que eles lidam com a vida dos outros, não é só a minha. Se eu fizer algo errado, se uma benzedeira, se uma mãe de santo, se uma frequentadora de mesa branca, [...] se ela brincar com isso, ela não brinca somente com a gente mesmo. A gente leva uma parcial, mas ela brinca com a sua vida. Então, falta muito entendimento das pessoas, saber que isso não é brincadeira (Souza, 2026, informação verbal).

Assim, hoje em dia, eu acho muito difícil voltar a ser o que era antes. Até mesmo por causa do preconceito, tá? Assim, eu tenho para mim que eu preciso de continuar. Por isso que eu já tenho passado para minhas filhas de santo, né? Para minha filha carnal mesmo, para ela dar continuidade. Mas eu acho que voltar do jeito que era antes, não. (Pereira, 2026, informação verbal).

Acredito que seja reversível com o resgate da cultura ancestral e conhecimento popular. Conscientização da necessidade de manter a cultura viva. Assim como andam acontecendo todos os movimentos de resgate de crenças originárias (Santos, 2026, informação verbal).

As respostas nos fazem conceber que, ao mesmo tempo em que enfrentam dificuldades relacionadas à manutenção da tradição da cura popular, as benzedeiras mantêm expectativas quanto a um futuro mais promissor para a valorização da cultura afro-brasileira na sociedade brasileira e nas comunidades, ainda que algumas delas considerem não ser possível o pleno resgate da tradição com a mesma popularidade do passado. De todo modo, essas perspectivas refletem a confiança de que processos mais amplos de legitimação de práticas culturais históricas e de enfrentamento à intolerância religiosa possam contribuir para a preservação desses saberes tradicionais a longo prazo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eles chegam perto de mim e perguntam assim, “Você consegue rezar pra mim melhorar a minha boca do estômago?” Eu falo assim, “Você acredita na reza que a gente vai fazer por você?” “Acredito”. A gente arruma uma fita, que aí é com uma fita, um pedaço de pano, corta uma fita, mede na pessoa, amarra na boca do estômago dela, depois você tira, mede no braço, dá um nozinho no tamanho do braço e faz a benzeção, que aí pelo tamanho do braço você vê se a pessoa está com uma espinhela caída, que é a boca do estômago, ou não. A gente sabe direitinho (Silva, 2026, informação verbal).

Todas as benzedeiras entrevistadas compartilham a percepção central que estrutura este trabalho: a progressiva diminuição das benzedeiras e do próprio ofício na sociedade contemporânea. Esse processo é associado, sobretudo, ao crescimento de outras religiões, com destaque para as vertentes evangélicas neopentecostais, cuja cosmovisão frequentemente incorpora a noção de “guerra espiritual”, direcionada contra práticas de matriz afro-brasileira.

Nesse contexto, o racismo religioso permanece como uma realidade persistente no Brasil, intensificando-se na medida em que a polarização política se entrelaça ao campo religioso e o fundamentalismo ganha maior visibilidade e adesão, promovendo a deslegitimação de ritos que se afastam do cristianismo hegemônico.

Torna-se fundamental, em uma sociedade democrática e plural, a defesa da laicidade do Estado e do respeito à diversidade religiosa, assim como o enfrentamento do preconceito e do racismo religioso, em conformidade com os marcos legais vigentes. Nesse contexto, o ensino religioso, na perspectiva da Ciência da Religião, desempenha papel relevante ao oferecer uma abordagem interdisciplinar e não confessional dos fenômenos religiosos, promovendo o respeito à diversidade e contribuindo para a mitigação da perseguição e

marginalização de minorias religiosas diante da atuação de grupos fundamentalistas com forte presença na mídia, na política e nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina; SOUZA, Iara Maria. Hermenêutica-fenomenológica e compreensão nas ciências sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 181–198, jan./abr. 2014.

BBC NEWS BRASIL. **Jovens "sem religião" superam católicos e evangélicos em SP e Rio**. 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em: 14 jun. 2026.

CÂMARA, Yls Rabelo; FIALHO, Lia Machado Fiuza. O papel sanitário das rezadeiras brasileiras outrora e agora: ressignificações e continuidades. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 59, p. 1–19, e14185, out./dez. 2021.

CNN BRASIL. **Brasil tem recorde de evangélicos e menor número de católicos da história**. São Paulo, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-tem-recorde-de-evangelicos-e-menor-numero-de-catolicos-da-historia/>. Acesso em: 11 jun. 2026.

_____. **Intolerância religiosa no Brasil cresceu mais de 80%, diz estudo**. São Paulo, 22 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>. Acesso em: 01 jul. 2026.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. ja/mar. 2000, p. 37-45, 2000.

G1 ZONA DA MATA. **Juiz de Fora tem menor parcela de católicos em 20 anos; evangélicos, umbanda e candomblé batem recorde**. G1, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2025/06/06/juiz-de-fora-tem-menor-parcela-de-catolicos-em-20-anos-evangelicos-umbanda-e-candomble-batem-recorde.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2026.

GEVEHR, Daniel Luciano; BITENCOURT, Amanda Scalcon; JUNG, Carlos Fernando. Saberes, Afazeres e Crenças De Mulheres Benzedeiras. **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 2, n. 26, p. 47-65, 2021.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Brasiliense. 1989.

LE MOS, Carolyne Santos. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E SUA EXPANSÃO PELO MUNDO. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 80–96, 2018.

MARTINS, Rafaela Wemeck Arenari; CLARINDO, Adriely de Oliveira; CAMPOS, Mauro Macedo. Bruxas, curandeiras e benzedeiras: existências e resistências. **Mosaico**, [S. l.], v. 15, n. 23, p. 201–225, 2023.

OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. BENZEDEIRAS E REZADEIRAS – A SOBREVIVÊNCIA DA IDENTIDADE E DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NOS ESPAÇOS URBANOS. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], n. 2, 2016.

PEREIRA, Lourdes. *Entrevista concedida a Fernanda Aleixo Marliere*. Juiz de Fora, 21 maio 2026.

REBOUÇAS, Paiva; MEDEIROS, Laura; MELO, Mariana. **Rezadeiras**. Reportagens e Saberes, 17 mar. 2026. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/99388/rezadeiras>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SANTOS, Margarida. *Entrevista concedida a Fernanda Aleixo Marliere*. Juiz de Fora, 12 jun. 2026.

SILVA, Maria da. *Entrevista concedida a Fernanda Aleixo Marliere*. Juiz de Fora, 26 fev. 2026.

SOUZA, Benedita. *Entrevista concedida a Fernanda Aleixo Marliere*. Juiz de Fora, 28 mar. 2026.